



**UNIVERSIDAD DE CIENCIAS
EMPRESARIALES Y SOCIALES**
www.uces.edu.ar

**INSTITUTO DE ALTOS ESTUDIOS EN PSICOLOGÍA Y CIENCIAS
SOCIALES (IAEPCIS) "David Maldavsky"**

Doctorado en Psicología

XVI Jornadas Internacionales de Investigación en Psicología UCES 2020

XVIII Jornadas Internacionales de Actualización del Algoritmo David Liberman

I Simposio de Especialistas en Salud Mental en Emergencias y Desastres

Sábado 25 de julio de 2020 – 9.30 hs a 16.00 hs Buenos Aires.

Uma experiência em atendimento infantil: contribuições das técnicas projetivas (colagem) e expressivas (teatro) no trabalho Clínico.

Andrea Regina Soares Poppe¹
andrearpoppe@gmail.com

As experiências apresentadas aqui são oriundas do amadurecimento de um EXPERIMENTAR e FAZER de aproximadamente vinte e seis anos no exercício da psicologia, bem como dez anos no exercício da docência e supervisão clínica.

O psicodiagnóstico interventivo, um dos estágios que supervisiono em um serviço-escola da Universidade Paulista – Campus Rangel – na cidade de Santos/ SP, é uma modalidade de atendimento infantil, que tem formato breve, aproximadamente de 15

encontros, e bem contornado em termos de objetivos e efetividade, cujo propósito é agregar processos avaliativos compreensivos e terapêuticos, considerando a participação ativa das crianças e de suas famílias.

O serviço-escola atende crianças com faixas etárias entre 5 e 11 anos e 11 meses, sendo essas, acolhidas com as mais diversas queixas (problemas de aprendizagem, dificuldades de ordem relacional, agressividade, investigação devido suspeita de autismo, TDAH, TOD, entre outras) oriundas de muitos parceiros e serviços encaminhadores da rede de atendimento à infância da região da Baixada Santista que compreende 9 (nove) municípios.

O atendimento no processo psicodiagnóstico ocorre de forma coletiva, as crianças são agrupadas por proximidade de faixa etária e não por “caminhos de investigação”, sendo que cada criança é atendida por uma dupla ou trio de estagiários de psicologia cursando o quarto ano. No geral, nas turmas que supervisiono são atendidas em média 6 crianças, portanto, temos um processo construído por muitas “mãos”, isso considerando os estagiários, as crianças, os genitores/cuidadores, bem como a supervisão.

O processo de psicodiagnóstico infantil, sendo um processo com um contorno bem definido, é dividido em etapas, sendo elas: **entrevista inicial**, onde se faz o reconhecimento da queixa, se explica o processo de trabalho, averigua-se o desejo de prosseguimento e se apresenta o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos genitores; **anamnese**, onde se aprofunda as informações trazidas anteriormente, buscando compreender o contexto de vivências da criança e seus pais através de uma investigação mais extensa; **hora lúdica**, onde em contato com a criança em um ambiente coletivo, se pode observar o brincar, a condição relacional e de autonomia, procurando compreender os mecanismos de defesa utilizados, bem como os desejos subjacentes com vistas à compreensão da queixa, confirmação ou não da mesma; **visitas domiciliares e escolares**, que são executadas sempre que possíveis e necessárias com vistas à uma compreensão mais abrangente dos contextos de inserção e dinâmica da criança/família; **devolutivas parciais e finais**, cuja finalidade é dar feedbacks aos genitores/cuidadores dos aspectos observados, esclarecer algumas questões que tenham emergido durante o processo e que não foram trazidas anteriormente, fornecer orientações sobre modificações de conduta com a criança ou na própria família, sempre visando difundir aspectos mais saudáveis que potencializem a compreensão e fortalecimento de todos.

A devolutiva final “com” a criança é um aspecto de extrema importância, visto que o desfecho de todo o processo é devolvido a partir da confecção em forma de um livro de estórias. O livro de estórias pré-construído visa trabalhar com a criança o protagonismo, apresentando uma versão interativa onde a criança constrói os caminhos que “O personagem” decidirá seguir.

O desfecho do processo com a devolutiva para criança se apresenta como um grande indicador de avaliação do trabalho clínico desenvolvido, pois perceber as identificações feitas com as estórias apresentadas, bem como o desfecho dado pela criança, aponta para a significação que todo o trabalho conseguiu alcançar.

Feito o preambulo de como ocorre o trabalho executado no psicodiagnóstico infantil, passemos a pensar o papel que as técnicas projetivas têm em todo esse processo, aqui neste trabalho, nos deteremos às técnicas da colagem e teatro, por serem as mais comumente utilizadas no processo de trabalho desenvolvido neste estágio, sob minha supervisão.

A atividade de colagem, proposta por Violet Oaklander (1980) como um recurso a ser utilizado no processo psicoterápico de crianças e adolescentes, trabalha com referencial teórico da Gestalt e considera que: “*A colagem é qualquer desenho ou quadro feito grudando-se ou prendendo-se materiais de qualquer espécie a um fundo plano, tal como um pedaço de pano ou papel*” (1980, p. 99). Apresenta-se como uma atividade que: “pode ser utilizado como experiência sensorial, e como manifestação emocional” (Oaklander, 1980, p. 101).

Segundo Oaklander (1980) o processo de fazer a colagem, bem como o relato dela, apresenta-se como a parte mais significativa da técnica, por vezes também nomeada de “exercício de colagem”. Ainda segundo a autora, o humor e estado de espírito revelado no conjunto das figuras escolhidas, bem como a maneira em que são organizadas, podem revelar muito sobre o que a criança e ou adulto estão sentindo no momento. A colagem, em sua visão, é uma representação do mundo interno que revela pensamentos e sentimentos.

São propostos como temas para a colagem a autoimagem, como forma de percepção de situações internas, pensamentos e sentimentos. É pedido que representem ainda, o que gostam ou não gostam em si mesmos, ou mesmo escolham figuras que indiquem preocupações e receios. É proposto também, o tema “Álbum de família”, onde se pede a representação de uma família, e o tema livre, onde se representa o que se desejar.

Durante a escolha, observa-se a forma de exploração, falas, figuras que parecem chamar atenção, mas não são escolhidas etc. (Ancona-Lopez, 2013, p. 113). De modo geral, são considerados dados de análise: tempo de reação, tema preferido, postura e modo de reação, tamanho das figuras, figuras escolhidas, coladas e abandonadas, uso do espaço da cartolina, ou mesmo de seu verso, organização e aglutinação das figuras, sentimentos expressos, figura central e sua localização, associações, explicações e falas durante a atividade, modo de uso dos materiais, recortar figuras já recortadas, separação e exclusão de elementos.

É possível averiguar que as técnicas projetivas, especificamente a técnica da colagem, utilizada de maneira adaptada, é de grande utilidade no contexto do atendimento infantil, seja ele de cunho investigatório, pesquisatório, bem como para estudo de casos.

A análise realizada através da atividade, é capaz de fornecer informações valiosas sobre a dinâmica interna infantil, possibilitando o acesso as fantasias, desejos, defesas, que poderiam não ser expressos em um ambiente mais diretivo, menos lúdico. Também se faz possível a interação com a criança, a partir dos conteúdos trazidos por ela, gerando uma aproximação natural, bem como intervenções, quando apropriadas. Cria-se um campo interativo, onde os movimentos transferenciais e contratransferências também podem ser compreendidos e recolhidos, tanto como material de análise como no contexto interventivo.

O diferencial dessa experiência na utilização da técnica da colagem no processo psicodiagnóstico reside no fato de a dinâmica ser também realizada com os genitores, não exatamente da forma como propõe Violet Oaklander, mas de maneira adaptada, considerando as especificidades do ambiente institucional e a condição do processo de aprendizagem dos alunos.

O pressuposto para inclusão dos pais também na execução das colagens, se respalda no que acreditava Donald W. Winnicott, visto que, segundo o autor (1963/1988), o ambiente favorável torna possível o progresso continuado dos processos de maturação, e sendo assim, os pais funcionam como parte integrante no tratamento de crianças e adolescentes (1971/1984). Winnicott acreditava que ao se conter as angústias dos pais, eles passam a ser continentes de seus filhos.

A participação dos pais no processo de colagem, permite criar um espaço para o desenvolvimento emocional, podendo assim os futuros psicólogos entender os aspectos emocionais significativos em relação à dinâmica inconsciente da família: o lugar ocupado pelo filho no ambiente familiar, a fantasia inconsciente dos pais em relação ao tratamento do filho, a diferença entre o filho idealizado pelos pais e a realidade e o lugar que o processo de psicodiagnóstico ocupa perante esses pais. O trabalho em conjunto com os genitores no tratamento de crianças e adolescentes tem como objetivo reduzir a resistência da família e auxiliar os pais no entendimento da dinâmica emocional de seu filho, possibilitando modificações na dinâmica de funcionamento do núcleo familiar.

A composição do conjunto de colagens das crianças e de seus genitores/cuidadores torna-se um material riquíssimo que contribui sobremaneira para conduzir as próximas etapas do processo.

Diante do exposto, considera-se que a colagem propicia que os conteúdos latentes de maior importância, sejam expressos à partir de um espaço relativamente seguro para o ego, que ganha a possibilidade de relaxar, diante da ludicidade da atividade proposta, permitindo que venham à tona os conteúdos reprimidos, os desejos e as defesas utilizadas para reprimê-los e defender-se.

Recentemente, há aproximadamente 5 (cinco) anos, inserimos a atividade teatral como mais uma ferramenta para expressão de conteúdos latentes e resolução de conflitos internos, no aqui e agora. Essa opção se deu devido experiências vividas enquanto profissional de saúde atuando junto a portadores de sofrimento mental (esquizofrênicos, depressivos graves, bipolares, entre outros). Sendo assim, adaptamos em nosso trabalho, o pressuposto do teatro do oprimido.

O teatro do oprimido é um método pedagógico, social, cultural, político e terapêutico criado por Augusto Boal (1931-2009), importante teatrólogo, diretor, dramaturgo e ensaísta carioca. Boal o definiu como (...) um sistema de exercícios físicos, jogos estéticos, técnicas de imagem e improvisações especiais, que tem por objetivo resgatar, desenvolver e redimensionar essa vocação humana, tornando a atividade teatral um instrumento eficaz na compreensão e na busca de soluções para problemas sociais e interpessoais (Boal, 2002, p. 28-29).

O método do teatro do oprimido ancora-se em dois princípios fundamentais: a transformação do espectador, ser passivo, recipiente, depositário, em 'espect-ator', ou

seja, protagonista da ação dramática, sujeito, criador, transformador; e não trata apenas de refletir sobre o passado, mas também de preparar o futuro, isto é, deve-se transformar todas as situações vividas no espaço cênico em um ensaio para a transformação da realidade. Nesse sentido, Boal (1979, p. 18) criticava: “basta de um teatro que apenas interprete a realidade: é necessário transformá-la!”.

Partindo dessa premissa, a atividade de teatro executada no psicodiagnóstico segue o princípio de ser totalmente interativa e construída no “aqui e agora” pelas crianças a partir de uma história inicial pré construída pelos estagiários, pressupondo que a construção feita, considerou os aspectos transferenciais e contratransferências identificados anteriormente no processo de supervisão.

A atividade de teatro, busca ao mesmo tempo estimular e dar VOZ às crianças, de forma que possam expressar seus pensamentos, preferências e desejos, espontaneamente, além de se engajarem nas dinâmicas de relações dentro do grupo, num movimento de afirmação de uns frente aos outros.

Sarmiento (2003) nos ensina acerca da busca de compreender com mais propriedade as questões sobre o processo criativo e imaginário das crianças, destacando que: “O imaginário infantil, de acordo com a perspectiva que temos vindo a desenvolver sobre as culturas infantis, corresponde a um elemento nuclear da compreensão e significação do mundo pelas crianças. Com efeito, a imaginação do real é fundacional do seu modo de inteligibilidade. As crianças desenvolvem sua imaginação sistematicamente a partir do que observam, experimentam, ouvem e interpretam da sua experiência vital, ao mesmo tempo em que as situações que imaginam lhes permitem compreender o que observam, interpretando novas situações e experiências de modo fantasista, até incorporarem como experiência vivida e interpretada” (p.14).

Bibliografia

Ancona-Lopez, M., Vorcaro, A. M. R., Cupertino, C., Bruscajin, C. B., Barros, D. T. R., Yehia, G. Y., Santiago, M. D. E., Ancona-Lopez, S., Mito, T. I. H. & Monachesi, Y. (1998). *Psicodiagnóstico: Processo de intervenção*. São Paulo: Cortez.

Ancona-Lopez, S. (2013). *Psicodiagnóstico interventivo: evolução de uma prática*. São Paulo: Cortez Editora.

Anzieu, D. (1981). *Os métodos projetivos*. Rio de Janeiro: Campus.

Arzeno, M. E. G. (1995). *Psicodiagnóstico clínico*. Porto Alegre: Artmed.

Barbieri, V. (2008). Por uma ciência-profissão: o psicodiagnóstico interventivo com o método de investigação científica. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 575-584. Recuperado em dia 17 julho, 2020, de https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722008000300019&script=sci_abstract&tlng=pt



- Boal, A. (2009). *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Boal, A. (2013). *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. (2a. ed.) São Paulo: Cosac Naify.
- Cunha, J. A. (2000). *Psicodiagnóstico-V*. (5a. ed.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ocampo, M. L. S., Arzeno, M. E. G. & Piccolo, E. G. (1987). *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Oaklander, V. (1980). *Descobrimos crianças*. São Paulo: Summus.
- Sarmiento, M. J. (2007). Culturas Infantis e Interculturalidade. In: Dornelles, L. V. (Org.) *Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Sneiderman, S. B. (2006). Las técnicas proyectivas como método de investigación y diagnóstico. Actualización en técnicas verbales: "el cuestionario desiderativo" *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, (8), 296-331. Recuperado em dia 21 julho, 2020, de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=3396/339630247014>